

# Milei anuncia recuos e corre contra o tempo para aprovar reformas

Em nova proposta, governo argentino adia mudança eleitoral e elimina petroleira de plano de privatizações

Júlia Barbon

**BUENOS AIRES** Ainda que não queira admitir, o presidente Javier Milei deu um passo atrás ao ver o pacote de leis que propôs para reformar a Argentina travar em comissões do Congresso. Agora, o ultraliberal corre contra o tempo para repulgar sua aprovação ainda nesta semana, testando pela primeira vez seu apoio.

Nesta segunda (22), o governo apresentou nova proposta aos deputados que exclui 14 artigos da versão original, com 64 pontos. Entre as mudanças, o texto reduz o prazo do estado de emergência, concede poderes excepcionais ao Executivo e o máximo quatro para dois anos. Também adia a reforma eleitoral que pretendia acabar com as eleições primárias, retira a petroleira YPF da lista de empresas públicas e elimina a

polêmica definição de manifestação como "uma reunião de três ou mais pessoas", na intenção declarada de "evitar interpretações incorretas". Na economia, a proposta altera a fórmula de reajuste de aposentadorias e retira taxas a algumas exportações regionais, em aceno a governadores. Desiste ainda de reduzir fundos ambientais e culturais, diante de protestos de líderes de cinema que incluíram nomes como o do espanhol Pedro Almodóvar.

Por outro lado, o projeto de Milei mantém a maioria das suas reformas de base, como a privatização completa ou parcial de outras 42 estatais. "Não cedemos em nada, há melhorias. Quando alguém nos propõe uma melhoria, aceitamos", declarou o presidente em uma entrevista pela manhã.

O resultado é um projeto que incorpora grande parte do debate público, mas que

## Principais mudanças na 'lei ônibus'

**Poderes ao Executivo**  
Foi reduzido de 2 anos para 1 ano (prorrogável por mais 1) com aprovação do Congresso o período de emergência com poderes extraordinários ao governo.

**Sistema eleitoral**  
Antes, Milei propunha eliminar 15 eleições primárias, chamadas de "Pase", e o sistema de votação em listas dos partidos para o Legislativo. Agora, propõe que reformas sejam debatidas em sessões normais do Congresso.

**Privatizações**  
Proposta incluiu 41 estatais na lista de privatizações. Agora, saiu da lista a petroleira YPF.

mantém as bases fundamentais de ampliação das liberdades e "do equilíbrio orçamentário", defende o governo na introdução do documento.

A chamada "lei ônibus" foi proposta por Milei ao Congresso às vésperas do fim do ano e vem sendo discutida há duas semanas por três comissões da Câmara de Legislação Geral, de Assuntos Constitucionais, e de Orçamento e Fazenda — foram 72 horas de debate com a participação de 145 dos 257 deputados de todos os blocos.

Na primeira semana, um grupo de ministros e funcionários do governo respondeu a perguntas desses parlamentares reunidos num plenário. Já na segunda, expuseram suas visões 20 organizações e associações de diversos setores, que vão da indústria aos direitos humanos.

Um parecer deveria ter sido finalizado pelas comissões até a última sexta (19), para enviar o projeto ao plenário da Câmara, mas, sem consenso, isso não aconteceu. Milei enviou o projeto ao plenário, por decreto, às sessões extraordinárias que convocou para discutir a "megalei" de 21 de janeiro para 15 de fevereiro.

Agora, o presidente tem pressionado seus deputados e assessores a acelerar as negociações com as demais forças políticas, para que o projeto seja discutido na Casa na quinta (25) e depois remetido ao Senado. A expectativa de Milei sempre foi aprová-lo até essa data, porém ele esperava conseguir fazer modificações.

Apenas um dia antes, nesta quarta (24), trabalhadores de diversos setores farão uma greve geral convocada pela Confederação Geral do Trabalho (CGT), a maior central sindical do país, contra reformas e cortes de Milei — todos os votos entre Argentina e Brasil foram cancelados nesta terça e quarta.

Eles marcharão até o Congresso, adicionando tensão a essa semana que colocará o apoio ao presidente à prova. A coalizão governista A Liberdade Avança tem apenas 37 das 257 cadeiras na Câmara, e 7 das 72 cadeiras no Senado, mas tem tentado demonstrar confiança de que conquistará outros partidos de centro ou centro-direita, como o PRO do ex-presidente Mauricio Macri, a União Cívica Radical e até alguns peronistas e forças menores.

Os interlocutores de Milei que têm liderado as conversas com os congressistas são seu assessor "estrela", Santiago Caputo, o ministro do Interior, Guillermo Francos, e o presidente da Câmara, Martín Menem, sobrinho do ex-presidente neoliberal admirado pelo atual líder.

O porta-voz do governo, Manuel Adorni, chegou a dizer que ficou "contente por ter encontrado uma oposição razoável". Mas nem tudo será tão fácil. A nova versão final da megalei apresentada nesta segunda pela Presidência foi recebida com cautela pelos demais partidos, que começam a analisar as mudanças.

## EUA e aliados voltam a atacar Iêmen; houthis fazem disparo contra navio

Igor Gielew

**ATO PAUZO** Estados Unidos e Reino Unido voltaram a unir forças em um ataque conjunto contra os rebeldes houthis no Iêmen, atingindo oito alvos no país árabe ao longo desta segunda-feira (22). É a segunda vez que os aliados, apoiados por outras nações, agem em conjunto na guerra.

Para os americanos, foi o oitavo bombardeio — o mais recente havia sido no sábado (20). Nesta segunda, foram destruídas estações de vigilância eletrônica e ao menos um depósito subterrâneo reforçado para guardar mísseis e foguetes.

Os houthis, rebeldes apoiados e armados pelo Irã que controlam parte do Iêmen desde a ascensão de uma guerra civil em 2014, têm atacado navios mercantes que dizem ter relação com Israel no Mar Vermelho, em apoio ao grupo terrorista palestino Hamas no seu conflito com o Estado judeu.

Desde a semana passada, declararam guerra aos navios dos EUA após a primeira ação anglo-americana contra suas bases terrestres. O ataque desta segunda foi o mais elaborado desde o primeiro, ocorrido na sexta-feira (19).

Além de mísseis lançados por navios, foram empregados quatro caças britânicos Eurofighter Typhoon baseados em Chipre, que lançaram bombas guiadas a laser e GPS Paveway 4 contra o depósito houthi perto da capital do país, Sanaa.

Mais cedo, os rebeldes disseram ter disparado um míssil de cruzeiro antiaéreo contra o navio de carga militar americano Ocean Jazz no golfo de Aden, que liga o mar Vermelho ao oceano Índico. Os EUA não comentaram o episódio, e os houthis não falaram se tiveram algum sucesso na ação.

No X, os houthis afirmaram que "os bombardeios apenas vão aumentar a determinação do povo iemenita". O ataque foi ordenado após telefonema entre o presidente Joe Biden e o primeiro-ministro britânico, Rishi Sunak.

No domingo (21), autoridades dos EUA declararam a morte de dois militares dos Seals, a força de elite da Marinha americana, que haviam desaparecido no golfo de Aden. Durante operação contra os houthis, um militar caiu na água, e o outro pulou no mar para tentar resgatar o companheiro, mas os dois foram levados pela correnteza.

## NETANYAHU REJEITA CONDIÇÕES DO HAMAS PARA LIBERTAR REFÊNS



David Grell / AFP

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, rejeitou as condições apresentadas pelo Hamas para encerrar a guerra e libertar reféns sequestrados durante os ataques de 7 de outubro. O grupo terrorista exige a retirada das tropas israelenses e a sua permanência no poder em Gaza.

"Rejeito categoricamente os termos de rendição dos monstros do Hamas", afirmou o premiê. Por sua vez, Sami Abu Zuhri, um integrante da facção palestina, disse à agência de notícias Reuters que a recusa de Tel Aviv de encerrar a ofensiva militar "significa que não há chance de retorno dos reféns".

Um grupo de cerca de 20 familiares dos sequestrados chegou a invadir uma sessão do Comitê de Finanças do Parlamento de Israel nesta segunda-feira (22). Acima, manifestantes seguram faixa com os dizeres "O sangue dos reféns está em suas mãos" em frente à residência de Netanyahu.

# Israel invade e cerca hospitais em 10º dia de apagão em Gaza

## GUERRA ISRAEL-HAMAS

**GAZA** Forças do Exército de Israel invadiram um hospital e cercaram outro nesta segunda (22), na porção oeste da cidade de Khan Yunis, cidade no sul da Faixa de Gaza e foco atual das ações militares de Tel Aviv. A ofensiva isolou feridos e impediu o atendimento médico, segundo autoridades de saúde palestinas.

Os militares avançaram pela primeira vez no distrito de Al-Mawasi, perto da costa, e prenderam integrantes da equipe médica do hospital Al-Ahadi, afirma o porta-voz do Ministério da Saúde de Gaza, Ashraf al-Qidra.

Israel não comentou a ação no hospital. O Exército disse em seguida que três de seus soldados foram mortos nesta segunda no sul de Gaza;

no total, são 200 mortos do lado israelense em Gaza, segundo os militares.

Qidra diz que pelo menos 50 pessoas morreram durante a noite em Khan Yunis e que a invasão e o cerco às instalações médicas deixaram dezenas de mortos e feridos fora do alcance de equipes de socorro.

"A ocupação israelense escondeu o fato de que ambulâncias se moviam para recuperar corpos de mártires e feridos e para levar os feridos para o porta-voz do órgão, controlado pelo Hamas.

Os militares afirmam que tanques cercaram também o hospital Al-Amal, usado como sede da organização equivalente à Cruz Vermelha, e que a comunicação com a equipe médica do local foi cortada.



"Estamos profundamente preocupados com o que está acontecendo ao redor de nosso hospital", afirmou Tommaso Della Longa, porta-voz da Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho (FICV). As ambulâncias não podem entrar ou sair, e não temos como fornecer nenhum atendimento médico de emergência para as pessoas na área", acrescentou.

Israel não quis que integrantes do Hamas operem em torno de hospitais — o grupo terrorista palestino e médicos locais negam. "Um esforço especial liderado por uma equipe dedicada tem sido feito para garantir que os civis tenham acesso aos cuidados médicos", diz Elad Goren, do Cogat, órgão do Ministério da

Defesa de Israel que supervisiona as atividades civis nos territórios palestinos.

Gaza está sem serviços de internet e telefonia há dez dias, o que dificulta o envio de ambulâncias para áreas atingidas e a comunicação para que a população saiba onde os combates estão ocorrendo.

Israel tem aprofundado a ofensiva desde semana passada para capturar Khan Yunis, que agora diz ser a sede principal dos terroristas do Hamas responsáveis pelos ataques de 7 de outubro que mataram 1.200 pessoas em Israel.

A maioria dos hospitais ainda acessíveis em Khan Yunis e o maior ainda em funcionamento em Gaza, vídeos mostram alas so-

brecarregadas, com feridos sendo tratados no chão salpicado de sangue.

O médico emergencista Ahmed Abu Mustafa afirmou que não dormia há 30 horas e estava tratando de 10 a 11 pacientes em uma unidade de terapia intensiva com apenas quatro leitos. Do lado de fora, homens cavavam sepulturas no terreno do próprio hospital porque não era seguro sair até o cemitério.

Autoridades afirmam que ao menos 40 pessoas foram enterradas no local.

Os palestinos, com 2,3 milhões de habitantes da Faixa de Gaza, agora estão confinados em Rafah, ao sul de Khan Yunis e Deir al-Balah, ao norte, amontoados em prédios públicos e acampamentos com barracas feitas de lonas.